

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LXI



PERSONAGENS HOMÉRICAS N'OS *LUSÍADAS*

MARIA HELENA UREÑA PRIETO
Universidade de Lisboa

Resumo

Este artigo regressa à debatida questão das influências da épica greco-latina em Camões, com particular atenção para os heróis mais destacados e o seu tratamento no autor português.

Palavras-chave: épica, Aquiles, Heitor, Ulisses.

Abstract

This article discusses once more the influence of Greco-Latin epics on Camões, putting a particular emphasis on the first heroes and their presentation by the Portuguese poet.

Keywords: epics, Achilles, Hector, Odysseus.

INTRODUÇÃO

É com um sentimento de religioso respeito que me aproximo da poesia de Luís de Camões, não só pela sua inexcédível inspiração e beleza, mas porque sintetiza tudo quanto há de melhor na lusitanidade.

Relendo há dias as conferências proferidas pelo Senhor Doutor Dário de Castro Alves (quando era Embaixador do Brasil em Lisboa) sobre a presença do Brasil em Camões, saboreei com muito gosto todas as suas palavras e logo de início deparei com um testemunho sobre o nível sem igual do nosso poeta épico:

“Ninguém como ele soube cantar e decantar em nossa língua portuguesa, com inexcédível beleza, graça e encantamento, os grandes feitos da nação, da terra e da gente de Luso. Sua obra máxima é peça de valor imperecível e situa-se em lugar certo na constelação das maiores expressões da criação literária, não só do séc. XVI, mas de todos os períodos da história da humanidade. Falar de Camões e do Brasil é falar de Portugal no mundo^{1*}”.

A valorização de *Os Lusíadas* como um texto literário que excede a sua época já fora afirmada com entusiasmo e pertinácia por Manuel de Faria e Sousa nos eruditíssimos comentários que escreveu sobre *Os Lusíadas* no início do séc XVII². E não falo dos inúmeros camonistas que, no espaço de mais de quatro séculos, em língua portuguesa ou noutras, têm posto em relevo os méritos de Camões, porque seria impossível, num breve artigo e mesmo num extenso volume, abarcar tão valiosa e extensa bibliografia.

Nesta breve exposição, tentarei, no entanto, aproveitar a afirmação, repetida por muitos, de que Camões, se não é o maior poeta épico da literatura ocidental, pode, contudo, pôr-se a par dos grandes expoentes do género: Homero e Virgílio.

A tentação de situar Camões acima de Homero e de Virgílio tem sido grande:

“... Luís de Camões... si no los excede, no los cede...” (Faria e Sousa, *Lusíadas*, Tomo I, coluna 87, n.º XXIV).

São as palavras supracitadas que resumem as considerações de Faria e Sousa sobre a comparação do épico português com os épicos grego e latino.

O próprio poeta não foge a lembrar que o seu poema canta heróis históricos, reais, e não figuras míticas e imaginárias:

¹ Castro Alves, Embaixador Dário de, “Conferência proferida na Embaixada do Brasil em Lisboa, em 7 de Março de 1955”. Digna de ler-se é também a comunicação sobre “Camões e o Brasil”, proferida na Academia Portuguesa da História – Sessão Extraordinária em comemoração da data do achamento do Brasil em 22 de Abril de 1500, Lisboa, 23 de Abril de 1997.

² *Estou muito grata ao Autor por me ter oferecido em 3 de Maio de 2003 estes seus dois notáveis escritos.

Lusíadas de Luís de Camões, comentados por Manuel de Faria e Sousa. Lisboa, IN-CM, 1972, 2 volumes (reprodução fac-similada da edição de 1639).

*Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta
(Canto I, est. 3).*

Mas este é um assunto de tal modo já estudado pelos camonistas que não me alargarei sobre ele³. Recordarei somente mais uma estrofe de *Os Lusíadas* em que o autor acentua a superioridade da gesta portuguesa sobre as da Antiguidade (Canto I, est. 11):

*Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.*

Esta nítida consciência com que o poeta valoriza o carácter histórico da sua épica em contraste com a tradição, fabulosa, fictícia, das épicas

³ As relações da épica de Camões com as de Homero e de Virgílio têm sido estudadas há séculos. Lembrarei apenas um estudo recente, dos fins do séc. XX: *Épica. Épicos. Épica Camoniana*. Centro Internacional de Estudos Camonianos da Associação Casa-Memória de Camões em Constância. Edições Cosmos, Lisboa, 1977.

Neste volume figuram artigos de ilustres estudiosos de Camões: M. Isabel Rebelo Gonçalves, M. Leonor Carvalhão Buescu, Justino Mendes de Almeida, M. Vitalina Leal de Matos, José Vitorino de Pina Martins.

Também merece leitura atenta o seguinte opúsculo: *As Musas de Camões*. VI Forum Camoniano, 1998. Os Editores são os mesmos que foram mencionados para o opúsculo anterior. Colaboraram neste número: João Mendes Ferrão, Inácio Guerreiro, A. Costa Ramalho, Nair Castro Soares, José Carlos Seabra Pereira, Isabel Rebelo Gonçalves, Margarida Garcez Ventura, Arlete Miguel e Justino Mendes de Almeida.

antigas e até renascentistas, foi também posta em evidência num estudo valioso de Maria Vitalina Leal de Matos⁴.

PERSONAGENS HOMÉRICAS EVOCADAS N'OS LUSÍADAS

Vou ocupar-me somente da presença de personagens homéricas n' *Os Lusíadas*. Se Camões leu ou não leu os poemas homéricos no original – é assunto já muito debatido. Se não leu no original, pode ter lido em traduções castelhanas ou latinas que existiam na época. A tradução latina de Lourenço Valla, por exemplo, é muitas vezes citada por Faria e Sousa⁵. O que é importante é que Camões conhecia muito bem Homero, no original ou em tradução. Os diversos passos em que alude a personagens homéricas são prova disso. Vê-lo-emos no decorrer deste artigo.

Vamos enumerar as personagens por ordem alfabética, que não corresponde ao papel e à importância que o poeta dá a cada uma, mas que nos permite situar na cauda do artigo (e sobre ela nos alongarmos) a personagem que adquire maior relevo n' *Os Lusíadas* pelos contactos que lhe são atribuídos com a Lusitânia: Ulisses.

⁴ Leal de Matos, M. V. (1981), *O Canto na Poesia Épica e Lírica de Camões – Estudo de Isotopia Enunciativa*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português. Ver sobretudo as pp. 164-170: “A competição com os heróis lendários e a aproximação dos deuses”.

⁵ Ler, entre outros trabalhos de vários camonistas, os seguintes:

-Rocha Pereira, M. H. (1984), “Presenças da Antiguidade n' *Os Lusíadas*”, *Revista da Universidade de Aveiro, Letras* 1: 96 e segs. Da mesma autora (1988) também são de ler os *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Merece igualmente atenção Costa Ramalho, A. (1980), *Estudos Camonianos*. 3.^a ed. Lisboa: JNIC.

Sobre as traduções castelhanas de Homero no séc. XVI há um trabalho recente: Alves, H. J. (2005), “Presença da *Odisseia* em Camões”. *Revista Camoniana* 17, 3.^a série: 39-47.

Ainda a propósito de traduções latinas de Homero, lembrarei as seguintes, existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa:

Traduções latinas de Homero por Rafael de Volaterra, Colónia, 1534 (BNL, L 22320 P).

Versão literal de todas as poesias homéricas (de tradutores diversos), edição de Basileia, 1551 (BNL L 229A).

Também na BNL existe um exemplar da tradução de Lourenço Valla, Veneza, 1502 (da *Ilíada*): BNL, L 286 A.

Aquiles, herói máximo da *Ilíada*, da presença ou da ausência do qual no combate contra Tróia depende a vitória ou a derrota dos Gregos, figura n' *Os Lusíadas* várias vezes. Por exemplo, no Canto III, est. 131:

*Qual contra a linda moça Policena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Aquiles a condena,
 Co' o ferro duro Pirro se aparelha;
 Mas ela, os olhos com que o ar serena
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na mísera mãe postos, que endoidece,
 Ao duro sacrifício se oferece.*

Policena é a forma usada no séc. XVI para designar a filha dos reis de Tróia, Príamo e Hécuba⁶.

A tradição mitológica conta que Aquiles se apaixonou por ela e que, depois da morte, a sombra do herói apareceu aos Gregos e lhes pediu que a imolassem sobre o seu túmulo. Pirro, filho de Aquiles, sacrificou a jovem à memória do pai.

Ao referir-se, no Canto V, ao apreço que Alexandre Magno tinha pelos louvores épicos de Homero, o nosso poeta escreve (est. 93):

*Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Aquiles, Alexandro, na peleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos: isso só louva, isso deseja.*

⁶ A forma correcta seria Políxena. Ver: Ureña Prieto, M. H. *et alii* (1955), *Índice de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – JNICT.

Mais adiante vemos que Camões usa o antropónimo *Alcino*, em vez de *Alcínoo*, como exige a etimologia correcta. O mesmo diremos de *Astíanax*, que o poeta escreveu como *Astianás*, e de *Ajax*, que escreve *Aiace*. Claro está que o nosso poeta épico não era um filólogo clássico greco--latino especializado, mas usava as formas correntes na sua época.

A propósito do texto camoniano, informamos o leitor de que fazemos as citações a partir da seguinte edição: *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Imprensa Nacional de Lisboa, 1971.

E já na est. 92 afirmara:

*Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos quando são soados*

Mais uma vez, na est. 94, mostra Vasco da Gama a querer provar que a gesta portuguesa tudo excede: “*Céu e terra espanta.*”

No mesmo Canto, na est. 98, nomeia mais uma vez o herói grego, lamentando que a falta de poetas em português torne inexistentes os “Aquiles feros”.

Como se estas citações não bastassem, chama a Duarte Pacheco Pereira (Canto X, est. 12) “Aquiles Lusitano” e termina o poema exprimindo a D. Sebastião o voto de que não tenha, tal como o grande Alexandre Magno, inveja de Aquiles por ter sido cantado por Homero.

Mas o máximo herói troiano merece também a Camões uma referência elogiosa.

A propósito do português Heitor da Silveira (Canto X, est. 60) diz:

*E não menos de Diu a fera frota
Que Chaúl temerá, de grande e ousada,
Fará, co’ a vista só, perdida a rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português, de quem se nota,
Que na costa Cambaica, sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.*

Anteriormente, no Canto IV, est. 5, o poeta lembra de forma indirecta Heitor, ao referir-se a Astíanax, filho daquele e de Andrómaca, que, quando Tróia foi destruída, os vencedores gregos precipitaram de uma torre, onde a mãe o costumava levar para ver o pai a combater os sitiantes.

A propósito das desordens e violências que, após a morte de D. Fernando, se verificaram em Portugal, escreve:

*Quem, como Astianás, precipitado,
Sem lhe valerem ordens, de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, em pedaços feito.*

Mas é Ulisses, sem dúvida, a personagem homérica mais longa e repetidamente aludida por Camões.

Logo no Canto II, est. 45, lembra um episódio da *Odisseia* e aplica a Ulisses o epíteto de "facundo" (eloquente) que é muito repetido por vários autores para designar o herói homérico:

*Que, se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia ilha eterno escravo,...*
.....
*Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.*

De novo, no Canto V, est. 86, aparece Ulisses classificado como "facundo", quando Gama diz ao rei de Melinde:

*Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?*

O interesse pela personagem não se esgota em tão pouco. A chegada de Ulisses à ilha dos Feaces e o encontro com Alcínoo exigiu a Homero cinco cantos, como nota Faria e Sousa no seu comentário a *Os Lusíadas* (Tomo II, coluna 682) e com a narrativa do Gama ao rei de Melinde gasta o nosso poeta três cantos. Não é só nesses três cantos, porém, que o poema camoniano evoca reminiscências da visita de Ulisses à ilha dos Feaces. No Canto II, est. 82, ao pedir o acolhimento ao rei de Melinde, Vasco da Gama diz:

*E aquela certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Ítaco em Alcino...*

Além desta alusão directa, Faria e Sousa sublinha inúmeras semelhanças dos episódios camonianos com os homéricos, desde o Canto II (o acolhimento de Nausícaa e de Alcínoo) ao Canto X (a descrição da Ilha dos Amores, aproximada da dos jardins e pomares de Alcínoo).

As referências a Ulisses, em geral elogiosas, são, num caso, depreciativas: morto Aquiles, apresentam-se como pretendentes à herança das suas armas, Ájax, filho de Télamon, e Ulisses. A assembleia dos Gregos deixa-se levar pelas alegações do segundo, a quem acabam por ser concedidas as armas do herói. Camões atribuiu à eloquência enganadora a vitória (Canto X, est.24):

*Dão os prémios, de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses fraudulenta.*

Mas muito mais significativas que estas alusões dispersas ao “facundo” protagonista da *Odisseia* são as repetidas referências a Ulisses como fundador de Lisboa, denominada várias vezes de *Ulisseia* no poema camoniano.

Vou enumerar os passos atinentes ao tema nos diversos Cantos de *Os Lusíadas*.

Lus. III, 57:

*E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo
Por cujo engano foi Dardânia acesa;*

.....

Lus. III, 58:

...Foi posto cerco aos muros Ulisseus.

Lus. III, 74:

*E depois que do mártire Vicente
O santíssimo corpo venerado
Do Sacro Promontório conhecido
À cidade Ulisseia foi trazido.*

Lus. IV, 84:

E já no porto da ínclita Ulisseia...

.....

As naus prestes estão...

Lus. VIII, 4:

*Vês outro, que do Tejo a terra pisa
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde os muros perpétuos edifica,
E o templo a Palas, que em memória fica?*

Lus. VIII, 5:

*Ulisses é o que faz a santa casa
À Deusa que lhe dá língua facunda;
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.*

Claro está que este mito não é propriamente homérico, embora nele figure o herói da *Odisseia*.

Começarei por lembrar os vários autores que se referiram à vinda de Ulisses ao Oceano Atlântico.

Foram publicados no séc. XX alguns trabalhos importantes que podem servir de guia aos estudiosos do assunto. Citarei em primeiro lugar, por ordem cronológica, o notável artigo de Raul Miguel Rosado Fernandes “Ulisses em Lisboa”, publicado na *Revista Euphrosyne*, em 1985⁷.

Não menos dignos de apreço são os estudos de Justino Mendes de Almeida, distinto camonista, reunidos em dois volumes^{8*}.

A primeira referência a *Olissipo* parece ser a de Marco Terêncio Varrão (116-27 a. C.), autor latino, que na sua *De re rustica*, Cap. I, do Liv. II, fala das éguas de Olissipo que “concebem do vento”. Segue-se-lhe cronologicamente Estrabão (63 a. C. – 21 d. C.), autor grego, que, na sua *Geografia*, Livro III, narrou a vitória de Décio Júnio Bruto sobre os Lusitanos e o facto de, na margem do Tejo, ter fortificado Olissipo⁹.

Estrabão cita autores anteriores, como Posidónio, Artemidoro e Asclepiades de Mirlea, que falaram de uma cidade de nome “Odysseia” e do templo de Atena, que havia nela, mas colocam a cidade na Turdetânia, moderna Granada.

Plínio-o-Antigo, que viveu entre 23/24 e 70 d.C., autor da *História Natural* em 37 livros, a mais erudita obra do seu tempo, refere *Olissipo* e o Tejo (IV, 22, 116 e VIII, 67, 166). No Livro IV, 211 cita o promontório

⁷ Rosado Fernandes, R. M. (1985), “Ulisses em Lisboa”, *Euphrosyne*, N. S. XIII: 139-161.

⁸ Entre os estudos de Mendes de Almeida, J., registo aqui dois:

(1992) *De Olisipo a Lisboa*. Edições Cosmos, Estudos Gerais, Livros.

(1993) *Estudos Camonianos: História e Crítica*. Universidade Autónoma de Lisboa.

* Devo à gentileza do Autor a oferta da primeira das mencionadas obras, hoje de difícil acesso no mercado livreiro.

⁹ Há pelo menos duas traduções portuguesas do Livro III de Estrabão:

Estrabão, Livro 3.º: *Descrição da Península Ibérica*, 1.ª parte BRAVO, F. C., 1878, Évora.

Estrabão, *Geografia da Ibéria*, tradução de CARDOSO, José, Universidade do Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1965.

Olissiponense ou Ártabro. Também ele lembra a lenda das éguas fecundadas pelo vento...

Pompónio Mela, geógrafo latino do séc. I d. C., autor de uma obra intitulada *De Situ Orbis*, conhecida pelo título de *Chorographia*, é seguido pelos nossos quinhentistas Gaspar Barreiros (autor também de uma *Chorographia*), Duarte Pacheco Pereira (autor do *Esmeraldo de situ orbis*). Pompónio Mela fala da Lusitânia no liv. III, cap. I, onde alude a *Ulissipo* (grafando com V, em vez de U, a palavra *Vlissipo*, registada num manuscrito antigo: o códice vaticano 4929 do séc X). Esta grafia supõe a ligação de *Olissipo* a *Vlixes/Vlisses*.

Cláudio Ptolomeu, astrónomo e geógrafo grego do séc. II d. C., foi autor de uma *Geografia*, onde, no liv. II, ao falar da Lusitânia, menciona *Olisippo* (com dois pp.), situada antes da foz do Tejo.

Gaio Júlio Solino, escritor do séc. III d. C., compilador de trabalhos geográficos anteriores no livro intitulado *Collectanea rerum memorabilium* (*Colectânea de coisas memoráveis*), também conhecida pelo título de *Polyhistor*, escreve no Cap. XXIV: "...ópido Olissipo, fundada por Ulisses." É de notar que esta é a primeira ligação explícita entre *Olissipo* e *Vlixes/Vlisses*.

No chamado *Itinerário de Antonino*, que não foi obra do imperador mas redigido a mando dele (Marco Aurélio Antonino, 136-217 d. C.), aparecem quatro referências a Olissipo, com grafias diferentes nos vários códices, grafias que parecem não estabelecer uma ligação evidente com Ulisses.

Marciano Capela, gramático africano (1.^a metade do séc. V d. C.), autor da muito célebre obra enciclopédica com o título *Núpcias de Mercúrio e de Filologia*, escreve no livro VI: "Olissipo, ópido fundado, dizem, por Ulisses."

Santo Isidoro, bispo de Sevilha (sécs. VI e VII d. C.) no Cap. I do livro XV da sua obra, também enciclopédica, intitulada *Etimologias*, escreve: "...Olissipo deve a Ulisses fundação e nome".

É importante registar (como faz Justino Mendes de Almeida na p. 28 do seu livro *De Olissipo a Lisboa*) que este autor usa pela primeira vez a forma latina *Olissipona*, que deu origem a *Lisboa*.

Conheceria Camões todos estes autores, e outros ainda, que dissertam sobre a vinda de Ulisses ao Oceano Atlântico? Quanto a autores que escreveram em latim, é provável. Com grande probabilidade, conheceu

André de Resende, um dos nossos mais notáveis latinistas do séc. XVI, que escreveu entre outras obras uma intitulada *Vincentius Levita et Martyr*, publicada pela primeira vez em Lisboa, pelo tipógrafo Luís Rodrigues, em 1545.

Terá sido nessa obra que Camões hauriu a palavra *Lusíadas* com que baptizou o seu poema épico. Nela também poderia o poeta encontrar referências à fundação de Lisboa por Ulisses.

José Vitorino de Pina Martins, um dos mais notáveis especialistas portugueses do Renascimento, publicou em 1981 uma edição fac-similada do *Vincentius*, com uma substancial e eruditíssima introdução¹⁰.

Noutra obra de André de Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, também há uma curta referência à fundação de Lisboa por Ulisses, a propósito da descrição do rio Tejo, no Liv. II. Mas esta obra só veio a ser publicada em 1593 (postumamente), depois da morte do seu autor e muito depois da morte do próprio Camões e da 1.^a ed. de *Os Lusíadas*¹¹.

No entanto, a *Vrbis Olisiponensis descriptio* (*Descrição da Cidade de Lisboa*), obra de Damião de Góes, foi impressa em Évora em 1554. Esta data tornaria a obra acessível a Camões¹².

Mas todo este assunto, como anteriormente se referiu, foi tratado com a melhor documentação histórica e linguística por Justino Mendes de

¹⁰ André de Resende, *Vincentius Levita et Martyr*.

Reproduction en fac-simile de l'édition de Luís Rodrigues, Lisbonne, 1545. Introduction par José V. de Pina Martins.

Barbosa e Xavier Lda. Editores. Braga, 1981.

Textos da: École Portugaise des Hautes Études – I Section du Centre de Recherches sur le Portugal et la Renaissance. Dirigé par Jean Aubin, Directeur des Études à la Section et par José V. de Pina Martins, Directeur du Centre Culturel de Paris. Sous les auspices de la Fondation Calouste Gulbenkian.

¹¹ Em 1996, foi publicada a tradução portuguesa desta obra de A. de Resende: *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

¹² Na p. 122 pode encontrar-se uma breve alusão a Ulisses, fundador de Lisboa.

A edição original, em latim, foi impressa por Martim de Burgos, tipografia da Universidade de Évora, em 1593, com a revisão de Diogo Mendes de Vasconcelos, durante o reinado do Cardeal D. Henrique.

E também não será de excluir que o poeta tivesse conhecimento de informações, correntes nos meios cultos, *antes* de publicadas.

Almeida, sobretudo nos primeiros três capítulos do seu livro *De Olissipo a Lisboa*. Chamo especialmente a atenção para as considerações linguísticas e etimológicas acerca do topónimo Lisboa (feitas por J. M. de Almeida) e ainda para as suas informações epigráficas sobre antropónimos gregos da região de Lisboa da época do Império Romano.

Mas passemos a outro aspecto da tradição. Não obstante a falta de fundamento *histórico* para sustentar a fundação de Lisboa por Ulisses, surgiram, já no séc. XVII, longos poemas a cantar a *Ulisseia* ou *Ulissipo*.

Em 1636 foi publicado, postumamente, o poema de Gabriel Pereira de Castro intitulado *Ulisseia ou Lisboa Edificada*. Uma edição recente (de 2000) oferece-nos em dois grossos volumes o texto do poema (comentado profusamente) e um segundo volume de comentários. O texto foi estabelecido e comentado por José António Segurado e Campos, com uma erudição minuciosa e vastíssima. Vale a pena ler os dois volumes¹³.

Posteriormente a 1636 foi publicado outro poema sobre o mesmo tema, em 1640, por António de Sousa de Macedo, com o título *Ulyssipo*¹⁴. Há uma edição de 1848, Lisboa, Tipografia Rolandiana.

Também com o título *Ulissipo* foi escrita uma comédia por Jorge Ferreira de Vasconcelos¹⁵.

Outros autores, dos sécs. XVI e XVII, reincidiram sobre o tema: Frei Bernardo de Brito, em 1597, publicou a *Monarquia Lusitana*, onde não se poupou a repetir e a desenvolver o mito sobre Lisboa¹⁶.

Em 1652, Martinho de Azevedo, no livro intitulado *Fundação, Antiguidades e Grandeza da Insígne Cidade de Lisboa e seus Varões Illustres... até 1147* (edição da Oficina Crasbekiana, 1652) dá-nos uma visão de conjunto das tradições sobre o tema.

¹³ Pereira de Castro, G. (2000), *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, 2 vols.. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

¹⁴ *Ulyssipo*, Poema heróico de António de Sousa de Macedo, Lisboa, António Álvarez, 1640.

Nota: Existe na Biblioteca Nacional de Lisboa.

¹⁵ A 3.^a ed. desta obra, da Academia Real das Ciências, é de 1787 (BNL, L 5603P). Está microfilmada.

¹⁶ Há uma edição da *Monarquia Lusitana* no séc. XX (1973), Lisboa, Imprensa Nacional.

Quanto a bibliografia, só acrescentarei mais uma indicação: a origem da palavra *Lusíadas*, “importada” por André de Resende, é estabelecida no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*¹⁷.

Mas — acreditava Camões na fundação de Lisboa por Ulisses, a que alude várias vezes, como vimos, e parece que com convicção, tendo tido — como teve — o cuidado de dizer (no Canto I, est. 11) que os heróis e façanhas, cantadas pelos épicos antigos, e até renascentistas, eram:

...vãs façanhas...

Fantásticas, fingidas, mentirosas...

em contraste com as façanhas lusitanas?

¹⁷ Machado, J. P. (2003), Tomo II, Lisboa: Livros Horizonte.